

ESTRELLAS ERRANTES

POR

F. QUIRINO DOS SANTOS

S. PAULO

TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE JOAQUIM ROBERTO DE ALVEADO MARQUES

49—RUA DO ROSARIO—49

1863.

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

À Illustrada Resacaçãõ do Con-
sultor.

Off.

Auctor.

ESTRELLAS ERRANTES

ESTRELLAS ERRANTES

POR

F. QUIRINO DOS SANTOS



S. PAULO

TYPOGRAPHIA IMPARCIAL DE JOAQUIM ROBERTO DE AZEVEDO MARQUES

49—RUA DO ROSARIO—49

1863.

Esses versos podiam ter sido feitos, sem pretensão alguma, sem desejo nenhum para satisfazer a vaidade, em horas de recolhimento intimo, na contemplação silenciosa da natureza, ou debaixo do incanto suave de dois olhos lindos, lindos que se estão a perder no tremor convulsivo da paixão;—de manhã quando o sol sorprehende as gotas de chuva nas petalas mimosas das flores; alto dia quando as azas doiradas dos insectos se inlaçam pelas folhas do arvoredos; de tarde quando os raios amortecidos do crepusculo se despenham pela quebrada das montanhas e vão apparecendo na amplidão essas chammas pequeninas que não se vêem sempre no mesmo lugar, que não tem morada certa no céu; ou mesmo de noite quando surgem no horizonte os fogos fatuos da visão!

Podiam ter sido assim compostos, no momento que a imaginação delira e tudo isso derrama no peito amor, esperança e saudade!

Saudade, esperança, amor! o que são todas essas cousas n'este mundo, senão *estrellas errantes*, vagas, indefinidas que Deus deixou cahir de si á terra, estrellas que as vezes nos doiram o coração com o seu fulgor esplendido e que outras muitas fogem tanto que a alma se desespera n'um esforço baldado por não as poder alcançar mais com a sua vista mortal!.

LIVRO PRIMEIRO

ANHELOS

Se nesta terra não houvesse agora
Tanta alma fallaz e trahçoeira,
Eu quizéra viver neste deserto
Com meu amor á sombra da palmeira.
Oh! quizéra ditosa nestes sitios
Vér essa raça primitiva e bella;
Ai que viver ! isento de cuidados
Não vivêra feliz no meio d'ella!

E eu quizéira á tarde nestes ermos
Ouvir cantar o sabiá fagueiro,
E descendo do alto das peróbas
Vêr a pomba molhar-se no ribeiro.
Eu quizéira sonhar sob estas sombras
A' margem deste monte infumaçado,
E depois acordar ao som do canto
Da araponga gentil, mansa a meu lado.

Ah! porque, meu Senhor, tu não fizeste
Minha terra não ser jámais captiva?!...
Que ainda errasse nella dos selvagens
A horda destimida, brava, altiva!
Que eu pudéira viver neste deserto
Tão venturoso, á sombra da palmeira,
Ter a meu lado a virgem dos meus sonhos
Com a face gentil, não trahiçoeira!

Suas fórmãs do céu, núas d'infeite,
Singelo adorno sombreasse apenas,
Que deixasse luzir toda a belleza
Por entre as várias, delicadas pennas.
Eu quizéira á seu lado venturoso
Descuidado vagar pela campina,
Lêr dos seus olhos na mudez sublime
Sua innocencia candida e divina!

Eu quizéira lhe vêr o pé mimoso
Deslizando subtil pela silveira;
Os seus seios de amor tremerem ternos,
O seu corpo cahir pela canceira!...
Ai porque, oh meu Deos, selvas e mattos
Não mais avultam na longinqua serra?
Porque as hordas errantes dos selvagens
Varreste agora desta minha terra?!

Este mundo é tão negro e tão medonho!
E' tão esteril n'elle a pobre vida!
Entre as sombras da inveja e da mentira
Passa a virtude triste e comprimida!
Nas folhas do arvoredado sobranceiro
Gallas o sol, e seiva a chuva escorre;
Mas no fundo do valle não penetra
Uma gota de orvalho á flor que morre!

Oh se ainda, Senhor, voltasse um dia
Todo esse drama da primeira idade,
Quando sob estes bosques se abraçavam
A innocencia, a ventura, a liberdade,
E não houvesse nesta linda terra
Tanta alma fallaz e trahiçoeira,
Eu quizéra viver estreito a ELLA,
Em doce laço, á sombra da palmeira!

1860.

I

QUIEN AMA NO VIVE

Quando em teus olhos scintilla,
Por entre a negra pupilla,
Essa luz vivida e pura
Que nos meus se vem cravar,
Não sentes um vago, incerto
Palpitar pela ventura
Que tanto mais desaparece
Quanto mais nos vemos perto?
Oh! n'esse eterno aspirar
Das sombras ao eterno gozo,
Não vês que vae-se o repouso,
Que toda a vida estremece?.

Quando estás longe de mim,
N'essa saudade infinita
Que os seios dilata, agita
N'um sonho meigo sem fim,
Quando tudo se illumina
De um raio vital na terra ;
Quando o sol no adeus se inclina,
Ligando no mesmo abraço
As nuvensinhas doiradas
E as penedias da serra ;
Lançando a vista no espaço,
No azul que separa o monte
D'entre as brumas do horizonte
Fitando o morbido olhar,
Buscando ancioso o esplendor
Que se morre alem do mar,
Por ter avistado a imagem
De alguma etherea visão
No quasi extincto fulgor, —
Mas que esvae-se na passagem
Do importuno turbilhão ;
Não julgas sentir a vida
Exhausta quasi, perdida,
No desvairado debate
D'esse lutar da razão,
Contra a materia que abate
O amor ao limbo da treva
E o espirito que o eleva
Ao ideal do prazer ? . . .
Pois isto assim é viver ?!

Maio de 1863.

II

SUZANNA A ODALISCA

— ORIENTAL —

**Da noite rolam as sombras
Nas alfombras
Das paizagens de Stambul;
As bandeiras da mesquita
Brando agita
O vento manso do sul.**

No escuro do immenso espaço
Tenue, escasso
Morreu da lua o clarão;
Um somno pezado e mudo
Cobre tudo:
A terra, o céu, a amplidão.

O eunucho sómente vela
Sentinella
Das vastas salas do harem:
Onde o Grão-Senhor repouza
Ninguem ouza
Turbar a calma, ninguem!

De custosa architectura
Na moldura
Se entrelaçam os festões;
Do tecto as luzes que pendem
Se desprendem
Dos mil accesos brandões.

Odóro, fragrante, intenso
Arde o incenso
Nas piras d'ouro e marfim;
Da casa em cada contorno
São adorno
Só diamante e rubim !

E o Senhor das mil captivas,
Que de esquivas
Rendidas amantes fez,
Nos seios da favorita
Lá dormita
Dos sonhos na languidez.

A cada ardente desejo
Mata um beijo
O delirante prazer ;
Em cada beijo amoroso
Novo gozo
Vem um desejo accender !

Mas Suzanna do ciume
Sente o gume
Profundo n'alma a pungir !
Suzanna altiva, divina,
A mais fina
Das finas per'las do Ophir !

No desgrenhado cabello
Farto e bello
Que pelo rosto lhe cae,
Resvalla o pranto aljofrado,
Derramado
Sem desprender um só ai !

Corre em fio como o orvalho
Que do galho
Do tronco tomba no val,
Como a chuva que nas plagas
Cae em bagas,
Cae em bagas de cristal !

Do Bosph'ro quebram-se as aguas
Pelas fraguas
Dos alagados marneis:
Tal sempre o amor que se exalça
Se espedaça
Da vida pelos parceis !

Mas d'entre a negra pupilla
Eis scintilla
Um raio vivo de luz.
Ergue a fronte . . e um sorriso
Indeciso
No gesto se lhe traduz !

Como, oh sombra, á horas mortas
Tantas portas
Vedadas queres transpor? .
Como vas tu não sentida,
Atrevida,
Ao leito do Grão-Senhor?!

De Sára nos lindos braços
Frouxos, lassos,
Descança a fronte o Sultão,
Nos olhos quasi cerrados
Traz findados
Os gozos do coração !

O rico turbante ao lado,
Desligado
Da cinctura o yathagan;
O eunucho por elle vela,
Sentinella
Até que venha a manhã.

Eis chega a sombra atrevida
Não sentida,
Ao leito as sedas recúa !
E contra a face arrugada,
Descançada
Do Sultão conchega a sua! . .

O corpo que o fogo aquece,
Estremece
Pois que o veneno sentiu! . . .
E um beijo quasi dormindo
Sára rindo
Em seu senhor imprimiu !

De novo raiava o dia,
Mas dormia
O Turco sem respirar !
Somno de morte pezado,
Estampado
Só tinha no turvo olhar.

Em roda tudo repousa,
Ninguem ouza
Turbar a calma do harem ;
No chão inerte, estendido,
Esquecido
O eunucho dorme tambem !

Maio de 1863.

III

A VOLTA

Eis-me em fim! já de novo a teu lado
Volto ainda a gozar da existencia;
Ápós noite pezada da ausencia
Vejo o sol em teu rosto a fulgir!
Ai! que instantes crueis de saudade!
Que momentos de amarga incerteza
De ti longe senti que a tristeza
Vinha em prantos meu seio affundir!

Foram n'estes lugares bemdictos
Nossos dias mais ternos, mais lindos;
De sorrisos, de sonhos infindos
Nossa quadra da vida melhor ;
Onde eu via nascer cada aurora,
Cada vago e solemne sol — posto
Uma aureola de amor em meu rosto !
Um sorriso em teus labios de amor !

Como ainda me estão na lembrança
Essas intimas horas passadas,
Em que loucas as vistas casadas
Tinham tão eloquente fallar !
Quando o seio infantino te arfando
N'um palpito de langue pureza,
Tantas mostras de eterna firmeza
Tu me davas no morbido olhar !

Mas nas folhas da agreste ramagem
Tudo é morto, deserto e gelado,
Frios raios de um sol desmaiado
Mal luzir-nos o inverno deixou ;
Já da terra a mudez desolada,
Revestindo da morte os pallores,
Vem dizer que findaram-se as flores !
Vem dizer-nos que o incanto findou !

Porque havia de o tempo tão cedo
Desterrar tantos gozos suaves !
Porque o brando sussurro das aves
Converteu-se em tão funda mudez ?.
Não choremos ! de algozo penhasco
Nasce ás vezes a flor mais viçosa :
D'entre as brumas da quadra invernosa
Brotam sonhos mais bellos talvez.

E inda mesmo que tudo acabasse
Nos incantos do céu e da terra,
Que p'ra sempre morressem á serra
Seus perfumes, seu floreo matiz ;
Persistindo este affecto profundo,
Não sou eu tão feliz a teu lado,
Tendo o mundo em teu rosto adorado !
Tendo a vida em teus olhos gentis !

Oh ! bemdicta a estação da existencia
Em que o seio bater mais ardente,
Em que a vida em teu rosto innocente
Mais ditosa, mais forte luzir !
Sê bemdicta, oh mudez inspirada,
Tu que em lucto depões a deveza,
Vens matar na minha alma a tristeza
Vens em risos meu seio affundir !

Março de 1863.

IV

Anjo do inferno ou do céu,
Esse poder quem te deu,
Com que dominas assim ?
Inda o meu amor persiste !
Inda em ti minha alma existe !
Inda tens o imperio em mim !

Quando em horas de martyrio,
Me volteiam na lembrança
Aquellas noites passadas
Em tanto vago delirio
De ventura e de paixão ;
Aquelles dias perdidos
Em devaneios sem fim,
Em que o teu olhar casavas
Com meus olhos imbebidos
Em tua frente gentil,
E vejo que já perdeste
O brando riso celeste,
Que dava tanta expressão
Ao teu semblante infantil,
Que mais e mais se expandia
Quanto em mim se reflectia,
Eu digo commigo então :
« Está pois tudo acabado,
« N'aquelle seio gelado
« Já não ha mais coração! »

E' tão contraria esta vida,
Que muitas e muitas vezes,
Encontramos os revezes
Quando os pensamos passados ;
Quanto mais santos nos crêmos,
Mais delictos commettêmos,
São mais feios os peccados !
Quem sabe se tu, querida,
Não tens d'isto a prova em ti!
N'uma hora de desvario
Talvez, no excesso do amor,
Eu te levasse o amargor !
Quem sabe se te offendi? ...
Oh ! mas o fragil raminho
Que o vento rijo deitou

Sobre a margem da corrente,
Que culpas terá — coitado ! —
De lhe ir turbar o caminho ?
Se tu me julgas culpado,
— Sem o querer, innocente —
Eis-me constricto a teus pés,
A implorar o teu perdão !
No desespero, no ardor
Que me opprime o afflicto peito,
Que a alma afflicta me circunda,
N'esse pezado despeito
Que as faces hoje te inunda,
Tu bem vês minha humildade,
O teu triumpho bem vês !
Se houve offensa e se a maldade
Foi só minha, anjo querido,
Como pois ri-se o offendido,
Como chora o aggressor ? !

Volve os teus olhos aos meus,
Mostra que tens em ti mesma,
Aquella porção divina
Que á mulher bella illumina
Das puras chammas de Deus ;
Piedade, anjo, piedade !
Não me crimines em vão !

..
Oh ! tu não tens coração !

V

NUNCA MAIS

Nunca mais — é um som funereo
Como o adeus do moribundo,
Quando parte deste mundo
Entre soluços mortaes!
Recordando as alegrias
Que a sorte nos tem roubado,
A's lembranças do passado
Nós dizemos — nunca mais!

Cheia de magoa e remorso,
Na fronte da incauta virgem,
Quando de amor na vertigem
Perde as flores virginaes,
Nos ramos do cedro altivo,
Se o raio queima a floresta,
Nas folhas que o inverno cresta
O que se lê? — nunca mais!

Passam os annos e os mezes,
Passam as noites de amores,
Passam as horas melhores
Do nada pelos umbraes!
No vazio da existencia
Longo olhar triste fitando,
A tudo que vae passando
Diz o homem — nunca mais!

Nunca mais — é um desingano!
E' uma longa saudade
D'um tempo de f'licidade
D'aureas crenças divinaes!
Nunca mais! diz-se entre prantos
Quando a esperanza é perdida!
Perde-se os sonhos da vida
Quando se diz — nunca mais!

Não sei porque n'este dia
Claro, esplendido, formoso,
Em que tudo é riso e goso,
Tudo cantos festivaes,
Um pensamento secreto,
Que o meu ser opprime e cança,
Aos anhélos da esperanza
Vem dizer-me — nunca mais!

24 de Junho de 1862.

VI

A LOUCA

Sparsa le trecce morbide
Sull affannoso petto,
Lenta le palme, e rorida
Di morte il bianco aspetto,
Giace la pia col tremolo
Guardo, cercando il ciel.

MANZONI

I

Ella vinha cançada. Era de dia :
— O sol claro a luzir —
Tinha um fogo nos olhos que abrazava ;
Impavida, incessante caminhava,
E era sempre a sorrir.

Que sorriso, meu Deus, como passava
D'alegria ao furor!
Seus labios sons queixosos murmurando,
As vestes insensata espedaçando,
Mordia-se na dor!

Muitas vezes cahindo de joelhos
Fitava muda o céu.
Depois volvia os olhos espantados,
Firmando-se nos pés ensanguentados,
Rasgava o peito seu!

II

No meio da multidão
Passa a coitada sozinha!
Na frente se lhe advinha
O signal da maldicção.
Todos sorriem-se, todos!
Só dão-lhe insultos e apodos!
Ninguem estende-lhe a mão!
Hoje aponta-se a desgraça,
Com vil escarneo na praça,
No meio da multidão!

N'aquella scena immoral
Oh! quem mais louco parece:
O mundo que a escarnece
Em seu inlevo brutal,
Ou ella do mundo a rir-se,
Nas ancias a retrahir-se
Do negro accesso infernal?!
E todos os que passavam,
Mulheres, homens entravam
N'aquella scena immoral.

E era bella a sorrir !
Tinha nos olhos pisados,
Grandes, vivos, desvairados
Tammanho fogo a luzir !
Em desalinho cabidos
Os seus cabellos compridos
Iam-lhe os seios cobrir.
Profundas manchas no rosto
Tinha-lhe aberto o desgosto
E era bella a sorrir !

Quem era a pobre mulher ?
Porque havia em seu delirio,
Nos olhos sempre o martyrio ?
Nos labios sempre o prazer ?
Como o espelho da existencia
Destinou-a a Providencia
A assim constante viver,
Mostrando aos homens na vida
Aos gozos a dor unida ?
Quem era a pobre mulher ?

E' a louca ! — a turba o diz !
E — louca, louca — sorrindo
Vae a triste repetindo
Em seu sonhar infeliz.
Remordendo o corpo exangue
Em jorros desata o sangue
Dos seios lindos, gentis !
Sorri-se a tudo e a todos
Em quanto com vis apodos
--- E' a louca — a turba o diz !

III

Eu a vi, ó meu Deus, rasgando as vestes,
As fórmas virginaes
A' turba desinvolta ir amostrando !
Umas vezes sorrindo, outras chorando
Entre arrancos mortaes.

De quando em quando extatica parava
E cantava tambem ;
Depois rompia em gritos tão profundos,
Que os echos repetiam gemebundos
Nas encostas, alem.

Nas fortes convulsões do desespero
Como ella se extorcia !
E saltava-lhe o sangue espadanado
Em torrentes do corpo espedaçado
No furor da agonia.

E passava! ó meu Deus, ia alto o dia :
A turba em derredor !
Ella olhava-a sorrindo-se p'ra todos ;
O mundo escarnecendo-a, em vis apodos,
Insultava-lhe a dor!

Setembro de 1862.

VII

HYEMS

O sol fulgindo tremulo
Alem desaparece,
Dos montes sobe e cresce
Um plumbeo turbilhão ;
E da céleste abobada,
Em nevoa a lua involta
À terra apenas solta
Seu pallido clarão.

E' triste tudo ! gelido
Nos troncos ruge o vento,
Qual grito de lamento
Que o écho prolongou !
Sumiu-se o matiz flórido
Do val e da collina ;
A estrella vespertina
Em nuvens se occultou.

Não soam mais os canticos
Nas rusticas choupanas ;
As timidas serranas
Não sonham mais d'amor.
No lar o fogo accende-se,
Ao pé sentam-se unidos
Os filhos mais crescidos,
Em torno ao lavrador !

D'espaco á espaco, timido,
Por entre o vão da penha,
Em sua voz roufenha
O mocho ergue o piar !
Sombria mudez tetrica,
Silencio funerario
Ao quadro mortuario
Mais negro vem tornar.

Mas tudo passa rapido
Nas scenas d'este mundo,
Da dor na taça o fundo
A flicidade tem ;
O dia á noite prende-se,
A esp'rança á van chimera ;
E a mesma primavera
Após os gelos vem.

Ha de voltar esplendida
A quadra florescida!
Ha de voltar a vida
Ao bosque, ao campo, á flor!
Hão de soar dulcissimos
No lar que a nevoa alveja
Da humilde sertaneja
Seus canticos d'amor!

Dò sol os raios pròvidos
Revestirão a serra;
A agua, o ar, a terra
A luz fecundará;
Da noite os fogos rutilos
Terão novos fulgores,
E o astro dos amores
Mais brilho então terá.

A' mim talvez. ai misero!
Nãõ voltará o goso!
A' quem perde o repouso
Jámais renasce a paz:
A' dor do viver intimo
Nãõ ha de haver conforto,
A' um peito que de morto
Perdida a esp'rança traz.

Oh! qual o cantor languido
Sosinho na floresta,
Saúda a doce festa
Com seu feral gemer,
Assim, oh alma, eleva-te
Ao louco teu transporte!
Oppõe á vida — a morte!
Ao riso — o teu soffrer!

Julho de 1862.

VIII

O FILHINHO DA LAVANDEIRA

Um dia nas margens do claro Atibaia,
Estava a captiva sósinha a lavar;
E um triste filhinho, do rio na praia,
Jazia estendido no chão a rolar.
A pobre criança, que o vento açoitava,
De frio e de fome chorava e chorava.

A misera negra co' o rosto banhado
No pranto que d'alma trazia-lhe a dor,
Prendeu-a com força no seio abrazado
De magoas, d'angustia, de lucto e de amor.
Pendendo a cabeça no seio da escrava
A pobre criança chorava e chorava.

« Meu filho querido, no meio dos mares,
« Lá onde governa sómente o meu Deus,
« Lá onde se estendem os verdes palmares
« Porque não nasceste cercado dos meus?
E a pobre criança no seio da escrava,
Fitando-a tristinha, chorava e chorava.

« Meus pais lá ficaram; são livres, cantando
« Que vida contentes que passam por lá!
« É tu, meu filhinho, commigo penando,
« Esperas a morte nas terras de cá.
Os ventos cresciam; o sol declinava
E a pobre criança chorava e chorava.

« Ai não! que dos pretos as almas não morrem!
« Havemos de ainda p'ra os nossos voltar;
« As aguas tão livres dos rios que correm
« Nos levam bem vivos ao meio do mar.
Nas aguas já meio seu corpo nadava
E a pobre criança chorava e chorava.

« As aves, os bosques, as serras que vemos
« Não são como aquellas de onde eu nasci!
« Tão doces folgares risonhos quaes temos,
« Tão bellos, tão puros não ha por aqui.
Os fundos gemidos o echo levava
E a pobre criança chorava e chorava.

« Oh ! vamos, meu filho, ao solo jucundo
« Aonde a existencia nos corre gentil ;
« Em quanto captivos houver neste mundo
« Os negros não devem viver no Brazil.
A casa era perto: chamavam a escrava
E a pobre criança chorava e chorava.

Assim soluçou, e no seio estreitando
O charo filhinho, nas aguas cahio ;
Depois muito tempo de manso boiando
Sumiram-se os corpos nas voltas do rio.
Debalde procuram, procuram a escrava,
Se a pobre criança nem mais lá chorava !

Janeiro de 1861.

IX

Um dia exaurido nas luctas da sorte,
Cançado, da morte bem junto me achei!
Teu rosto adorado volveste-me, oh virgem,
Da louca vertigem tremendo acordei!

Nas fragas desertas dos ermos do mundo,
No abysmo profundo da vida ao sopé,
Conduzes meus passos por entre as ruínas
E alegre me ensinas os trilhos da fé.

Nas horas que o bosque desfaz-se em perfumes
E um facho de lumes percorre a extensão;
Que ao longe do outeiro no placido encosto
De um vago sol — posto vacilla o clarão ;

E o astro saudoso seu manto alvejante
Desdobra distante no immenso alcantil,
Por entre a espessura, veloz terra á terra
Nas bargas da serra tremendo gentil ;

Eu julgo o universo pequeno recinto
P'ra as ancias que eu sinto de um gozo maior !
Teus olhos serenos me trazem bonança
Dizendo — « esperança na vida melhor » !

Das sombras do terra me acenas sorrindo !
N'um extasi infindo me elevas ao céu !
Em mystico amplexo nos une o destino,
N'um sonho divino meu ser prende ao teu !

A's vezes scismando minha alma estremece,
Nas trevas parece querer se afundir !
Buscando as venturas de um frio passado
No vacuo enublado de um longe porvir !

Não sei que tristeza meu peito circumda,
Meus olhos inunda de prantos, n'um ai!
As fundas miserias dos homens attento,
E em crú desalento meu rosto descae!

No mar de meus sonhos então, branda estrella,
Calmando a procella, derramas a luz!
Chorando me apontas um mundo infinito
Com sangue descripto nos braços da cruz!

Abril de 1863.

X

ASPIRAÇÃO

A LUIZ C. P. GUIMARÃES JUNIOR

I

**Eu sinto n'alma que a paixão devora
Um fogo intenso que indomavel arde:
Nem risos dá-me a perfumada aurora!
Nem sonhos traz-me o desmaiar da tarde!**

Não ! eu não posso de prazer bemdicto
Banhar meus labios no sorrir dos céus !
Curvado ao pezo de um penar maldicto,
Arrasto a vida deprecando a Deus!

Eu canto á sombra de gentil mangueira
Que encobre altiva do riacho a praia :
Choro ! e sorri-se a natureza inteira !
Folgo ! e no peito a minha fé desmaia !

II

Não sabes o que é viver-se
Banhado sempre no pranto !
Sóltas alegre o teu canto,
Vem tudo sorrir-te aos pés ;
Os céus, a terra e os mares
Amam-te a lyra tremente ;
Nas glorias do teu presente
O teu futuro entrevês!

Amam-te os risos da aurora ;
Amam-te os genios da selva ;
Amam-te as auras que a relva
Perfumam de grato odor ;
Amam-te os cedros da encosta ;
Amam-te os bosques sombrios ;
Amam-te as aguas dos rios ;
Amam-te as aves, a flor.

Ama-te a lua soidosa
Com seu clarão desmaiado ;
E o branco lyrio inclinado
N'haste branda que o sustem ;
Amam-te a noite e o dia ;
Amam-te os echos da terra,
Gemendo de serra em serra,
Levando teu canto além !

Se o vento sacode o espaço,
Ama-te o vento se gemes,
Se páras mudo, se tremes
Diante da imagem de Deus !
E no fragor da procella
Ama-te a rija tormenta,
Se pavorosa rebenta
Na terra, no mar, nos céus !

Se foge um sonho perdido
Nasce-te um sonho mais bello ;
Em cada sonho um anhelos,
Em cada anhelos um prazer.
Riem-se os anjos se folgas ;
Se tu suspiras saudoso
Em mais de um rosto formoso
O teu desgosto vais lêr !

Oh ! como é bom ser amado !
Vêr o mundo, o mundo inteiro
Sorrir-nos sempre fagueiro
Mil gozos dar-nos dos seus !
Ter n'um sorriso um affecto,
E n'esse affecto divino
Ter o motivo de um hymno
Na terra, no mar, nos céus !

E assim, poeta ditoso,
Das tuas glórias seguro,
Ao vate humilde, obscuro,
Estendes bondoso a mão.
Bem haja a doce amizade,
Que em terna e doce aliança,
As fronteiras hoje descança
Do irmão no seio do irmão !

Oh ! somos irmãos ! na vida
Visamos uma só méta ;
O Deus que fez-te poeta
Fadou-me também cantor !
Tens a gloria, eu o martyrio !
Tens os sorrisos, eu prantos !
Tens hymnos, eu tenho cantos !
Tens o prazer, eu a dor !

III

Mas quem sabe se eu posso inda um dia
Desterrar de meu peito o amargor !
Forte e crente saudando a alegria,
Erguer-me inda nas azas do amor !

Dos teus louros um ramo de trança,
Vem com elle esta fronte cingir !
Tenho uma alma — inda sinto a esperança !
Tenho um peito — inda posso sentir !

D'estes labios queimados das fezes
Que a desgraça em meu seio vazou,
Tu verás que, sorrindo aos revezes,
Ha de erguer-se uma voz — aqui estou!

Ai! verei se a minha harpa esquecida
Póde em sonhos saudar o prazer!
Ai! verei se as memorias da vida
Podem inda das cinzas se erguer!

Vem cingir um só louro jucundo
Sobre a fronte do humilde cantor:
Tu que folgas nas festas do mundo!
Tu que cantas na voz do Senhor!

Setembro de 1862.

XI

A UMA NOIVA

Lo que por mi pasó decir no sé
Cuándo una y otra vez nos despedimos
Y que en la casta frente la besé.

GUIDO ▼ SPANA.

**Foram-se os dias em que a chamma fervida
As nossas almas n'uma só prendeu ;
Rolou o tempo dos sonhos rapido !
O tempo o elo desse amor rompeu !
Vi alva a estrella da esperanza fulgida
Vagar incerta, vascillar, morrer !
Hoje está morta, nem seus raios lividos
O morto peito me farão viver !**

Tu a mataste seductora e bárbara
— Meu céu da infancia sem a luz ficou —
Teu véo de noiva foi o manto pallido
Que á face d'ella tua mão lançou.
Vê como bate n'este peito gelido
Negra pancada o coração, de dor;
Não lhe responde com ternuras lubricas
O teu que ao triste já não vota amor.

Sonhei-te pura quando á face candida
Subia o pejo do infantil receio;
Sonhei-te bella, de belleza angelica;
Sonhei-te inoxio, de pureza o seio.
Mas hoje sombra de pungente duvida
Me cobre a mente de funesto horror,
E o céu de gozos que eu sonhára limpido
Me incobrem nuvens de funerea cor.

Olha esta frente que descae-me languida
Como de magoas e de dor pendeu;
No olhar sombrio que retrata o sceptico
Vê os martyrios d'este peito meu!
Tudo morreu-me! No tormento lugubre
Só tenho prantos! a chorar bem vês
Que a dor aguda, que ao viver augmenta-se
Vai pouco a pouco me abatendo a tez.

Mas não importa! no gelado marmore
Que guarda os restos da febril paixão,
Não deites prantos, não derrames lagrimas
Que aos restos frios o calor não dão!
Ai! não que o pranto nas tuas faces vividas
Crestam as rosas virginaes, gentis;
Guarda-as, são delle, do teu noivo que ama-te
Em cujo seio viverás feliz.

Não te recordas d'esses sitios qu'ridos,
Lugares fidos que o teu peito amou ?
Da vez primeira, que vencendo o susto,
Teu labio á custo sobre o meu rossou ?
D'aquelles transes d'incantados pejos ?
D'aquelles beijos d'incantado amor ?
Timida e rubra como tu me olhavas !
Como expressavas o infantil temor !

Depois das mattas alvejára a lua
Na espada nua que a beijar ardi :
N'esse deliquio de insaciavel gozo
Não sei ditoso como não morri !
Que noite aquella de ternura e medo !
Tremulo e quedo nem fallar podia !
Quando estreitava contra o meu teu seio
Que mago inleio nos teus olhos lia !

Tudo era sonho de prazer, doçura,
Tudo ventura n'esse tempo então ;
Phantasmas hoje, sombras vans, errantes
Que aos sonhos de antes o calor não dão.
Sonhos, venturas, esperança, amores,
Risonhas flores onde existem já ?
Tudo mataste com a mão de ferro
A' quem um erro, por querer, não ha !

Mas não! não chores!. Quando em frio tumulto
Um dia a sorte me fizer jazer,
Essa grinalda de tua fronte tepida
A' cruz do morto vae então prender;
E diga a lousa: « Foi poeta, credulo
« Prendeu-se a ella na febril paixão:
« Ella era a noiva — o infeliz foi victima,
« Victima triste da mais vil tração! »

1860.

XII

NOITE DE ESTIO

Quem tornou tudo fel quanto aprazia?

SA DE MIRANDA.

Porque mostras, ó lua, branca e triste
A meiga fronte n'este céu tão bello?
Eu não amo os teus raios, a luz frouxa
De tua pallidez vem magoar-me!
Eu não amo-te, não! a tua imagem
Vem lembrar-me outros tempos, outras éras
Que doces me imballaram apraziveis
Os dias da existencia!

Não te lembras
Das vezes que beijaste-me esta fronte
Quando eu calado, extatico mirava-te
Tão cheio d'esperanças e d'anhelos?
Quando eu interrogava-te se acaso
A tinhas visto, e pallida passavas
Deixando-me a sonhar fitando o espaço?
Oh! epochas bemdictas de ventura
Foram essas talvez! amava e cria!
E quem ama e quem crê quanto é ditoso!

Oh! tu me achavas só quando nascias,
Em altos alcantis me debruçando,
Ou pela algosa encosta das campinas
A nomorar teu rosto; á mesma hora
Talvez que em rudes cantos te saudava
O misero africano e em ais sentidos
O *sem-fim* lamentoso alçava langue
O seu piar funereo na floresta!.

Nunca mais volverão horas tão bellas!
Nunca mais em meus olhos incovados
Ha de verter o pranto o doce allivio
Da esperança e saudade! Oh! talvez nunca
Eu veja mais na terra um peito amigo
Em que possa incostar a exhausta fronte!
O ente a que eu prezava mais no mundo,
A mulher de meus sonhos mais ardentes
Hoje está morta, pallida e perdida!
Bella ainda da luz, do incantamento
Das ethereas visões; mas feia e torpe
Das manchas e negruras da maldade:
No corpo o céu conduz, o inferno n'alma!

. Astro saudoso
O tempo do sonhar já vae tão longe,
As noites em que aos raios teus fulgentes
Meus seios se expandiam de prazeres ;
N'esse tempo eu queria-te, adorava-te,
Hoje não, que não posso mais fitar-te
Sem saudades dos sonhos do passado.

Porque vens tu mostrar-me, ó lua meiga,
A branca face n'este céu tão bello?
Já não amo os teus raios, a luz tenue
De tua pallidez vem magoar-me!

1860.

XIII

OLHOS AZUES

Se d'alma
E' espelho fido
O olhar,
Será fingido
O teu
A amar?

Fulgindo
E' lindo
Sem par;
Da cor do céu
E' o teu
Olhar.

Do preto
E' a côr do crime:
Traição!
O verde exprime
Ardor?
Oh! não.

O pardo
Galhardo
Será;
Mas á amor fiança,
Esp'rança
Não dá.

Celeste
E' o teu lindo
Olhar;
Meigo luzindo,
Promette
Amar?

XIV

QUINZE ANNOS

E' amor que te illude e te mente,
E' amor que te ha de matar.

GARRETT.

Quinze annos! — é um echo saudoso
Que nos traz o passado á lembrança;
Quinze annos! — é a doce esperanza
De um incerto bem longe porvir!
Quinze annos! — é a idade dos anjos,
E' de um vago prazer o desejo,
De temores, d'enleio e de pejo
Nivcas faces de leve á cobrir.

Quinze annos! — é um som magoad o
D'harmonia que aos labios fenece ;
E' uma nota que o seio estremece,
Co'os incantos suaves que tem.
Quinze annos! — é o pranto involvido
Entre curtos prazeres risonhos ;
Quinze annos! — é a vida dos sonhos !
E' o sonho da vida tambem !

E' o inquieto scismar do martyrio
Que se queima na luz da esperanza ;
E' um sonho que encanta e que cança ;
E' um gozo que morre no seio ;
E' um longo viver que não dura ;
E' um fogo que abraza a innocencia ;
E' a ventura sem ter existencia ;
E' o amor, — é o pranto — o receio !

E esse sonho, esse gozo, essa esp'rança,
Esse inquieto pensar, essa vida,
Essa nota no espaço perdida,
Que estremece e que foge subtil,
Esse fogo de vago deliquio,
Que co'o pranto e o riso se casa,
E' a chamma que arde e que abraza
A pureza da vida infantil !

Quinze annos! — querida, é o mundo
Que a razão inganoso arrebat a ;
E' o amor que seduz e que mata
Co'os occultos venenos que tem !
Não te vás entregar innocente
Da vertigem ao louco transporte! . . .
Quinze annos! — é a vida e a morte!
E' o céu e o inferno tambem !

XV

CAÔ-PÓRA

Á M. F. DE CAMPOS SALLES

**E' noite : a lua na extensão celeste
A curva senda mais de meia andou ;
E' diva a pompa qte a espessura veste,
Depois que a noite n'este val tombou.**

Tudo é silencio na deserta plaga;
Ninguem sósinho por ahí vagueia;
A voz do rio que a planicie alaga
Só vem baixinho murmurar n'areia.

Por entre as folhas a fazer caminho,
Um vulto entanto da floresta sae;
Bem como a pomba que perdesse o ninho,
Fugindo, os ramos recortando vae.

E' terno o aspecto, seu andar gracioso,
Seus olhos brilham com gentil fulgor,
As magas fórmas de seu corpo airoso
Mal cobrem pennas de singello alvor.

Quem és tu? Sombra de visão mentida
Que a noite incarna com subtil magia?
Ou és a virgem do Senhor sentida,
A imagem casta da eternal poesia?

Seu rosto é lindo! Na morena testa
Brilha um lampejo de celeste luz!
Mas o seu gesto pezaroso attesta
D'algun martyrio bem pezada cruz.

Ai, como é linda! mas a dòr aguda
Vê-se no rosto que pendido está;
Brotta um suspiro na sua bocca muda
De cada aneio que o seu peito dá.

Qual echo torvo que abalou o espaço
De cedro immenso que no chão cahiu,
Gigante fêro de um aspecto baço
C'um uivo tredo e infernal rugiu.

O vulto negro do colosso horrivel
Por sobre os montes lá no ar campêa :
Os pés em terra e o *cocar* temivel
Por entre as nuvens com o vento ondêa.

E' elle! é elle! que a vagar nocturno
Traz morte a tudo com funesto ardil!
Ao som medonho do bramir soturno
Se abalam valles e montanhas mil.

E' elle! é elle! e a sonhar, que mimo!
A virgem erra na floresta só;
Ella tão fraca sem nenhum arrimo!
Nem Deus, ai! teve da morena dó!

Eil-o que chega! no seu peito duro
Cerrando-a, ás fórmãs celestiaes magôa;
Nas torpes ancias de deliquio impuro
Arranca á triste a virginal corôa.

Cerra seus labios á sua bocca breve,
Aperta ao della seu nervudo seiô,
Co'os beiços brancos de espumante neve
Sorve os suspiros, lhe comprime o anceio.

Como elle a estreita no fogoso abraço!
Que beijos dá-lhe na macia tez!
Ai, dura sorte! no cerrado laço
Sua existencia findará talvez!.

Pendeu-lhe a fronte!. Seu olhar brilhante
Involvem nuvens de mortal pallor!.
Rouco bramido lá no ar sonante
Restruge ao longe com sinistro horror.

E' delle o grito! repetiu-o a serra
Em longos echos prolongando-o além;
E o baque surdo que ferio a terra,
D'um corpo frio resóou tambem!.

Entanto a lua na extensão celeste
A senda toda com vagar andou,
E morre a pompa que a espessura veste
Depois que a lua lá do céu tombou.

A essa hora na longinqua *taba*
Com ancia e choro procurou-se alguém.
Era ella — a virgem! mas que della saiba
Ninguem existe, não a vio ninguem.

No outro dia quando a aurora veio
Doirando as grympas das montanhas lá,
Pallida a fronte, enregelado o seio
Foram achal-a, mas sem vida já!

XVI

SUPPLICA

Quando eu te procuro no olhar alongado,
Passando a tremer,
Teus olhos formosos, teu rosto adorado
Não deves volver.

Não deves! dos olhos no tímido beijo
 Nossa alma sorri!
E o riso em meu seio, na vida, só vejo
 Se vem-me de ti.

Meu único instante de crença e ventura
 Só n'isso é que está;
Se a sorte m'o rouba que immensa tortura,
 De mim que será!

Tu pensas que o mundo com tredo reclama,
 Nos vota o rancor;
Mas isso que importa se eu sinto, se eu amo,
 Se é santo este amor!

Um dia ha de o mundo tremendo do insulto
 Beijar-nos os pés!
Virá de humilhado pedir-nos indulto
 Do mal que nos fez!

E o mundo que importa se acaso condemna
 Tão funda paixão!
Se o mundo espezinha quem soffre, quem pena,
 Quem tem coração!

Rebrama dos homens no pelago undoso
 Medonho escarceu!
E nós longe, longe nas azas do gozo
 Subamos ao céu.

Então, ai! bem juntos, n'um languido abraço
Descança-te em mim;
Depois, sempre unidos, cedendo ao canção
Morrámos por fim !

Morrámos! e as almas sulcando o infinito
Nos lípidos céus,
Descancem unidas n'um somno bemdicto
Nos seios de Deus!.

Qual murcha a campina, qual secca a floresta
Se o sol lhes faltou,
E extinguem-se os risos, extingue-se a festa
Se o inverno chegou;

Assim a minha alma descae desmaiada
Sem vida a chorar,
Se ás trevas que a cercam a luz é vedada
Do teu meigo olhar.

Se queres tu mesma cortar-me a ventura,
Matar-me o prazer,
Oh! faz que dos olhos a tua luz pura
Não doire o meu ser!

Mas inda assim mesmo luctando um momento
Na dura viuvez,
Irei, já sem vida, meu ultimo alento
Depôr a teus pés!

Outubro de 1862.

XVII

DUVIDAS

Se d'um anjo a gloria queres,
Serás anjo, se fizeres,
Contra o destino, um feliz.
C. CASTELLO-BRANCO.

Quando eu passo e te vejo a fronte altiva
Reclinada na mão nivea e gentil,
E que dos olhos teus a luz tão viva
Inlça-se dos meus no ardor febril,

Eu não sei o que sinto! a vista deito
Desvairada, abatida pelo chão!
Eu não sei o que sinto! e no meu peito
Parece-me estalar o coração!

E' que eu vejo em teus labios um sorriso
Que não responde a quem te pede amor,
Se os teus olhos dão luz do paraíso!
Se o teu seio do inferno incobre o horror!

Então á mente em febre e vacillante
Mil idéas me vem, e eu digo assim:
Talvez de mim se lembre n'este instante!
Talvez ella a sorrir zombe de mim!

Como o infante que á tremula folhagem
Busca á beira de um rio a flor colher,
E vendo-se attrahido da voragem
Tenta fugir e sente-se pender,

Ássim tambem em fundo precipicio
Talvez se torne o amor que em sonhos vi!
E pensando me ser teu rir propicio
Somente perdição eu ache em ti!

Quantas horas sem norte eu vou perdido!
Quantas, quantas sem tino eu vago á sós!
E segue-me teu rosto, anjo querido,
Como segue o remorso ao crime atroz!

No meio dos festins passo calado
Qual um corpo sem luz pela amplidão!
Mendigo de affeições abandonado,
Ninguem sabe atirar-me o negro pão !

Depois findando a triste e vã romagem,
Quando desce o crepusc'lo e morre o dia,
Cobarde eu te procuro! . e na passagem
Tu fitas-me inda assim—toda alegria !

Eu não sei o que sinto ! o pensamento
Abraza-me nas chammas da paixão !
Suffoca-me o soffrer ! falta-me alento !
Estala-me no peito o coração !

Novembro de 1862.

XVIII

RENOVARE

**Quando eu cheguei, meu Deus, a casa era deserta!
Na parede sem cal, de musgo já coberta
Teciã os seus ninhos immundos reptis;
Vazio estava o tanque, aonde de soslaio
Batendo o sol brotava em seu extremo raio,
Em ondas de cristal espumas de rubis!**

O terreiro isolado o matto sombreava ;
A gramma pela cerca em feixes se inroscava,
Onde apenas agora a rola vem gemer :
Era ali que, de tarde, as filhas do *agregado*
Vinham todas correndo á ver entrar o gado,
E que eu ia tambem, por vél-as, a correr.

A floresta sem fim, immensa, verdejante
Já não vestia o monte; a chamma crepitante
Veio após o machado e negro estava o chão!
Só ao longe se ouvia os negros reunidos,
Ao pezo do trabalho eterno comprimidos,
— Saudades de seu ninho! — erguer rude canção,

E mudo eu contemplava os restos do passado !
Era tudo sombrio, inerte, desolado
Como o espectro feroz que a solidão gerou !
Em tudo resoava o hymno do impossivel
Cantado ao meu ouvido em sua voz terrivel
Pelos ventos mortaes que o tempo ali soprou !

E mudo eu contemplava os sitios tão saudosos
Aonde os dias meus passei — os mais ditosos !
Oh! quem póde olvidar da infancia os puros céus!
A terra em que sorriu no seio da mãe terna!
Em que tambem chorou, prevendo a dor eterna,
Em despedir-se d'ella, ao derradeiro adeus !

O calvario fatal não é o fim da vida :
Em nossa mocidade a cruz está erguida !
Descendo se de lá, por entre agudos ais,
Não vive o corpo já! cadaver miserando,
Se os areaes do mundo em sangue vae banhando,
E' que as chagas se vão somente abrindo mais!.

O calvario fatal é inda em verdes annos,
Quando o peito nos rasgam atrozes desinganos,
E até da mesma esp'rança um raio mais não luz!
Quando achamos somente em nosso vão delirio,
Pelas gotas de mel — a esponja do martyrio!
Por leito de descanso — os braços de uma cruz!

E' quando á nossa volta a casa está deserta,
A parede sem cal, de musgo já coberta,
Quebrados os portaes, as telhas á tombar!
E' quando, recordando as scenas d'outra idade,
Saudamos do passado as sombras com saudade,
E, triste paga, oh Deos! ninguem nos vem saudar!

Olvidam-se da vida as mais acerbas dores!
Olvidam-se as paixões dos virginaes amores!
Mas quem póde esquecer da infancia os puros céus?
A terra em que sorriu aos beijos da mãe terna,
Em que tambem chorou prevendo a dor eterna
No transe derradeiro, ao derradeiro adeus!

Agosto de 18.

XIX

AMOR POR DINHEIRO

— Que ancia, Maria, é essa !
 Com que pressa
Tu vaes ligeira a fugir !
Não corras tão apressada,
 Tão cançada,
Não corras, podes cair.

— Ninguém mais ha que nos veja,
Sertaneja,
Ouve um segredo, só um !.
De sombra o sitio coberto
E' deserto,
Não vela um homem, nenhum.

— Não temas a noite, oh bella,
Sem estrella
Como hão de ficar os céus?
Não fujas, ouve, um momento,
Toma alento,
Não fujas, anjo de Deus !

« Ai! senhor, não me persiga,
Não me siga,
Eu só não posso o escutar !
Talvez o fogo apagado,
Regelado
Póde estar meu frio lar.

« Na triste casa isolada
Jaz deitada
Minha mãe por sobre o pó!
Minha irmã innocentinha,
Coitadinha
Como ha de dormir lá só? »

— Tua mãe ! . . . Um quarto d' hora
Não demora
Um breve instante de amor .
Tua irmãinha deitada,
Gazalhada
Dorme na paz do Senhor.

— Não corras, olha o vallado,
No cercado
Tu vaes a saia romper!
Um beijo ao menos consente,
Um somente
Que crime póde lá ser !

« Ai ! senhor, não me persiga,
Não me siga,
Eu só co' um homem ficar !.
Como hei de ouvir-lhe um segredo?
Tenho medo,
Sou tão pobre, hão de fallar !. »

— Serás rica, muito rica,
Mas oh ! fica,
Não fujas assim tão má :
Terás muito e muito ouro,
Um thesouro
Eil-o aqui tens . toma lá !.

« Meu senhor, porque me segue,
Me perségue ?
Eu só co' um homem ficar ! .
Tanto ouro . tenho medo !
Um segredo !.
Ouço: não hão de fallar ? . »

Agosto de 1862.

XX

SONHOS

A JOSÉ MARIA LISBÔA

**Sonhar quando a nossa alma desabrocha
Nos olorosos prados da innocencia !
Sonhar na primavera da existencia
Em crenças incantadas de ventura !
Sonhar quando cançada a vida afroxa
Ao pé da sepultura!**

A hera que se eleva e humilde cresce
Por entre altivos bosques, sóbe a custo
Nos galhos inramados a prender-se ;
Mas que apoio encontrou ? debil arbusto,
Que ao mais pequeno sopro desfallece
Desvalido a pender-se.

A vida é como a hera que viceja
Em carcomido tronco sempre erguida :
Aspira um pouco a luz, encara o céu ;
O tempo arraza o tronco, foge a vida,
Oução que ao lodo volve o homem beija
O barro em que nasceu !

Ainda assim sonhamos ! inda agita
A chamma do existir doce chimera
Em nossos corações, no peito exangue !
Por mais profunda a dor não dilacera
A viscera escondida em que palpita
Mais forte o nosso sangue !

A gloria e o amor ! — mixto incantado —
São duas esperanças de um só gozo !
Dois puros idéaes do mesmo anelo !
Duas ilhas iguaes n'um mar formoso !
Dois raios immortaes de um astro bello
De um céu ignorado !

A gloria aqui na terra em vão se alcança
Quando morre abafado o sentimento !
O amor vive um instante e logo finda !
A magoa despedaça uma esperança !
Esmaga outra esperança o soffrimento !
E o homem sonha ainda !

Sonhos! sonhos! o riso e a desgraça,
A miseria que a mão supplice estende,
O ouro que a desdenha e vae-se altivo,
A mais sublime gloria, o amor mais vivo,
E' tudo um sonho vão, sombra que passa
E ninguem comprehende!

Sonhar!... Sonhemos pois em quanto arde
Um livido phanal na immensidade
Do negro e turvo mar, que na inclemencia,
Sulcamos, de profunda escuridade!
Em breve ha de expirar a escassa tarde
Do dia da existencia.

Então dormir! — sonhar talvez ainda!
Nas trevas do amargor gemer perdidos,
Sem a estrella de luz com que sonhamos!
Dormir! sonhar! meu Deus! nos dias idos
Hora á hora rever a imagem linda
Dos sonhos que afagámos.

Depois uma saudade! — o desalento!
Depois a morte e os crepes funeraes!
Depois no rosto o pallido sudario!
No vazio do peito um cinerario!
Um tumulo sem nome! — o esquecimento!
Um sonho e nada mais!...

Abril de 1863.

XXI

A' JULIA DE AZEVEDO

— EM SEU ALBUM —

**E Deus do vasto abysmo ergueu todo este mundo!
Fundido de amor santo em fervido crysol!
De luz cobrem a terra, o céu e o mar profundo
A lua no occidente e no oriente o sol!**

Explende portentosa a extranha maravilha,
A machina inconsútil, excelsa de primor ;
Aqui nasceu o rio, além viçosa ilha!
A' noite fulge a estrella, ao dia surge a flor!

E Deus viu que era bella a vivida feitura,
E viu triste abatido o homem a soffrer:
Em extasi divino envolve a creatura
E tira de nossa alma a essencia da mulher.

Resumo do universo! imagem de pureza,
Que nos exalta ao céu em canticos de amor!
Aos pobres caminheiros da terra na aspereza,
E's tu quem os ampara! és quem lhes dá valor!

E's pois o eterno laço, o elo refulgente
Que prende ao Creador a fragil criação ;
E nossa vista cega ao teu genio potente,
Covarde te insultou negando-te a razão.

Negando-te a razão! o mundo te affrontava,
O mundo que só via em seu tripudio vil,
A esposa como filha, a filha como escrava!
Em cada escrava, oh céus, um traste mercantil !

O homem amassado em mais immunda argilla,
Que Deus só por escarneo á sua imagem fez,
A pallida Lucrecia trocando por Dalilla,
Lançou-te do seu cuspo a negra hediondez !

Oh cerdo miseravel! não vês tu n'uma ideia
Ligados Catharina e o fulgido Solon?
Qual é a differença, o espaço que medeia
De Sapho a Lamartine, de Nero a Marion?

A' voz do Christo enfim se regenera o mundo !
E as brumas do horizonte o lucido arrebol
Espalhando, exalçou-te em seu poder fecundo
A' terra deslumbrada á luz do novo sol !

E tu nos apontaste a senda luminosa
Que morre no infinito aos pés do eterno Bem ;
Chamamos-te mulher então em nossa esposa,
Chamamos-te mulher então em nossa mãe!

Mulher é o doce riso em sonhos de ventura,
De crença e de esperança a vida a nos doirar !
Nos dias da afflicção, nos transes da amargura
Mulher tambem é o pranto a dor a nos banhar !

Mulher tu foste, Ignez, oh astro da belleza !
Correndo-te do seio o sangue ardente á flux ;
Mulher fôra Rachel do genio a realeza,
E a pobre Magdalena exhausta aos pés da cruz !

E tu que tens na frente os dois raios divinos
— A gloria e a virtude — em c'rôas a se erguer,
Que as turbas apinhadas envolvem em seus hymnos,
Artista soberana, és tu anjo ou mulher ?

Maio de 1863.

XXII

REMORSOS

1

Foi mal-fadada aquella hora,
Mal-fadado aquelle instante
Em que essa luz scintillante
Dos teus olhos eu senti !
Oh ! noite maldicta aquella
Em que a esp'rança enganadora
Gerou-se de novo em mi !

Em que todo meu ser prendeste
E o meu coração sujeito
Ao teu poder tu fizeste !
Em que ao fervido palpíte
D'este meu turbido peito
Estranho calor trouxeste !
Maldicta a hora em que vi-te !
Em que eu perdi-me p'ra amar-te
E amei-te p'ra me perder !
Em que da terra esquecido,
Quiz insensato, atrevido
Ao firmamento me erguer !

11

Era uma tarde, ao sol-posto,
A noite vinha já perto ;
Um tenue raio de luz
Dava tímido em teu rosto ;
O sitio estava deserto ;
Corriam nuvens á flux ;
Brando o pallido fulgor
Da lua, que despontava,
Das aguas batia á flor !
E aquella doce harmonia
Que envolve os restos do dia
Já no crepusc'lo expirava !
Passavas ! parei ! tremi !
Foi então, foi n'esse instante
Bella, divina, radiante
Que a vez primeira te vi !
Nossos olhos incontramos
Não sei porque . mas coramos !.

...

Tu caminhavas ao templo
Eu seguindo o teu exemplo
Tambem quiz lá penetrar :
Vi que ao fulgido clarão
Dos cirios de sanctuario
Mais e mais o teu olhar
Da luz celeste brilhava ! . .
Vi que toda se ingolphava
A tua vista no altar !
E um jubilo infinito
Me dizia ao coração
Que este affecto era bemdicto
No ardor da tua oração !

III

Mas depois o incantamento
Todo, todo se desfez
Eu ergui-me sobranceiro,
E tu cahiste a meus pés !
Da paixão rompeu-se o laço !
O sonho foi passageiro !
Tornou-se o gozo canção,
O prazer um fingimento
Que eu não sabia occultar.
Pudeceste muito então !
Pois bem me lias no olhar
Todo o horrivel da traição !
Que de lagrimas sulcaram
Por tuas faces queimadas !
Quantas, quantas se filtraram
Nos teus olhos abrazadas !
Oh ! quanto, quanto choraste !
Quanta lagrima sentida

D'essas lagrimas de fogo,
Que tanto mais tiram vida
Quanto mais alma nos dão,
Verteste por mim em vão !
E como o orvalho gelado,
Que em fria noite invernosa
Cae sobre um cerro infezado,
Esteril, seco, maninho
Em que só borbulha espinho,
Assim teu pranto em meu seio
Nem debil haste gerou !.

IV

Um dia tu me disseste :
« Porque teu rosto celeste
« Tão severo se tornou
« Quando estás ao pé de mim ?.
« Se é preciso um sacrificio
« Com que te prove este amor,
« Vê se inventas um supplicio
« Que me faça eterna a dor ;
« Mas não me trates assim !
Eu de ti me desprendendo,
Eu, sem ouvir-te, parti-me !.
— Foi o epilogo tremendo
Do mais deshonorado crime !

V

Desde então ai! que martyrios
Não me têm varado esta alma!

Como em ti a gloria, o crime
Vejo em mim sempre crescendo!
Quanto mais o mal me opprime,
Tanto mais santa vaes sendo!
Tu buscas do justo a palma,
Eu do precito os delirios!
Nós somos dois navegantes
Perdidos no mesmo mar,
Entre as ondas reluctantes,
Praia á praia a bracejar.
A ti coube-te o destino
De ver no claro horizonte
Entre as verduras do monte
O porto da salvação ;
A mim que vago sem tino,
Sem de uma estrella o clarão,
Medonha surge-me aos olhos,
No dorso dos mil escolhos,
A morte em cada escarceu !
Tu, anjo resignado,
Tens o teu lugar marcado
Na tua patria, no céu,
Eu porém mais desgraçado
Sinto já o fogo eterno
Das labaredas do inferno !

VI

Inda assim se um teu sorriso
Me trouxesse o teu perdão,
Talvez ainda pudesse
Outra vez o amor sentir ;
Talvez ainda se erguesse
Das cinzas o coração !

Talvez ainda sentisse,
Regenerado por ti,
Os sonhos do paraíso
Que já de ha muito perdi!
Entre nuvem carregada
Deixa a lua um raio brando,
Nas horas da trovoada,
Vir o oceano banhar;
Assim podia o teu riso
No mar da minha existencia
Vir-me a procella doirar.
Mas oh! não tenhas clemencia!
Podia ainda perder-te!
Desprezar-te! escarnecer-te!
Sangra ainda em mim a chaga
Da perdição que me alaga
D'este corpo as veias todas!
Da deshonra a lava ardente
Tanto em mim funda lavrou,
Que até a propria semente
Dos bons instinctos queimou!

VII

Agora esquece-me! adeus!
Não ha bonança nos céus
P'ra quem nasceu desgraçado!
Devo seguir o meu fado:
Sou como o arbusto curvado
Aos choques do turbilhão,
Elevo a fronte tremente
Mas logo vem a torrente
E beijo de novo o chão.

VIII

Adeus! esquece-me! adeus!
Não mais a minha lembrança
Occupe um sonho dos teus!
O destino se não cança
De fazer-me padecer:
Eu bem devia saber
Que não póde haver ventura
P'ra quem sorveu amargura
Já desde o berço ao nascer.
Se eu nasci desventurado
Hei de cumprir o meu fado,
Em magoas sempre viver!

IX

Oh! maldicta foi a hora,
Essa hora em que nos vimos,
Em que a chamma abrazadora
Da paixão em nós sentimos!
Maldicto o instante fatal
Em que eu te vi por meu mal!

Santos — Novembro de 1861.

XXIII

A MEU IRMÃO J. QUIRINO DO NASCIMENTO

— NA PRIMEIRA FOLHA DE SEU ALBUM —

**Ao rever a vida
Que á voar passou,
Por ella — dor ou riso —
Tua alma não chorou?**

Nessa idade linda,
Quando se é criança,
No gozar de um brinco
Temos a esperança.

Desinrola o tempo
Sua ignea aza,
No roçar ardente
Nossa esp'rança abraza.

N'alma o pranto — a magoa
No chorar sentido,
Damos ao passado
Fundo, vão gemido.

Vão-se, pois, os lèdos
Gozos innocentes —
Mas nos vem a idade
Das paixões vehementes.

Riso — amor — anhelos,
Eis o que ella encerra:
Sonhos, gloria — o céu!
Sombras, dor — a terra !

Quando o tempo quebra,
O id'lo que adoramos,
E do desingano
Lento o fel libamos ;

Que nos resta ainda?
Pallida saudade!
Echo amortecido
Da passada idade!

Ai! fazendo os annos
Descahir-te a testa,
Quando ao homem velho
O lembrar só resta ;

Quando o que é speranza
For então saudade,
Seja-te este livro
Simb'lo de amizade.

Abre-lhe estas folhas,
Lê-as canto á canto :
A' cada nome um voto,
A' cada phrase um pranto!

Abre-as! da ventura
Restos caros são!
Vem do irmão, do amigo,
Vem lembrar-te então.

S. Paulo— 1861.

XXIV

SORRISO DE AMOR

**Porque sorris quando os olhos
Sobre os meus olhos vens pôr ?
Sorriso que assim desdenha
Não é sorriso de amor !**

O teu olhar sempre esquivo
Refulge, mas sem calor;
 Bem mostra que nos teus labios
 Não ha sorriso de amor.

Se tu não sentes no peito
Da paixão feroso ardor,
 Porque me prendes fingida?
 Porque me finges amor ?

Da vida perdeste os sonhos,
Perdeste da vida a flor :
 Coração que tudo perde,
 Como ha de guardar amor ?

Oh ! não me fites esquiva
Com esse olhar sem calor !
 Se o teu sorriso desdeuha,
 Não é sorriso de amor !

Setembro de 1861.

XXV

A' MEMORIA DO LIBERTADOR

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

(A' F. RANGEL PESTANA.)

1

Eil-o o chão do sepulchro! sob a lousa
Quem foi que s'involveu? quem lá repousa?
O seu nome qual foi?
D'uma virgem de aspecto sacrosanto
Abraçada c'o a cruz, attesta o pranto
Que a tumba é d'um heróe.

Era grande esse heróe! na fronte altiva
De libertar a patria inda captiva
 A tarefa empr'hendeu.
Era grande esse heróe! livre nascido,
Não pudéra captivo ter vivido
 Quem tão livre morreu.

Oh! não pudéra, não! quando a tormenta
Ruge treda, ribomba, cae, rebenta
 Rasga as nuvens o sol!
Elle era o sol da patria; da maldade
Rasgando o plumbeo véu, da liberdade
 Era elle o pharol!

Da mortalha sangrenta do Gonzaga,
D'Africa adusta na longinqua plaga,
 Surge a esp'rança de pé:
Liberdade é qual a Hydra fabulada
Quanto mais a cabeça tem cortada
 Mais renovos se vê!

II

Tu não vês, oh meu Deus, teus imigos
Devastando esta terra louçã?
Esta terra que é tua aos perigos
Hoje deixas, Deus grande, oh Tupan!

Eu bem sei que o universo sacódes
N'um volver dos teus olhos, n'um só:
Esmagar aos tyrannos não pódes?
Oh! não pódes calcal-os no pó?

Tu não vês a floresta abatida ?
Tu não vês revolvido este chão ?
Tu não vês nossa gente opprimida
Se escondendo em deserto sertão ?

Nossas lares estão profanados !
Nossas filhas o inimigo roubou !
Até mesmo os teus cultos sagrados
Torpe mão sem pudor insultou !

Ah ! mal-hajam teus raios fulgentes
Se não sabem vingar nossa grey !
Ah ! mal-hajam se são impotentes
Para a força depôr ante a lei !

Eu bem sei que o universo sacódes
N'um volver dos teus olhos, n'um só :
E dar morte aos tyrannos não pódes,
Não os pódes calcar sobre o pó ?

Oh ! que sim ! nobre povo ! abatido
D'ora avante não has de mais ser :
Ergue a frente que o sol é nascido !
Vem a aurora da patria, vem ver !

III

Salve, heróe ! que ao imperio novo
Fizeste mais do que o rei !
Tu que na aurora do povo
Douraste a aurora da lei.
Salve soldado e poeta !
Salve tribuno e propheta !
Salve oh luz da redempção !
Sabio e soldado venceste,
Soldado e sabio morreste
Cumprindo a tua missão !

Só com tua mão robusta
Levantaste esta nação ;
N'ala dos povos augusta
Plantaste o nosso pendão !
Corria-te o pensamento
Altivo, grande, violento
Como a procella no céu !
Bate alfim a extrema hora
O novo abutre descóra
D'este novo Prometheu.

E como foi magestoso
O que então ali se deu :
Um povo victorioso,
Uma nação que se ergueu !
Com teu olhar deslumbrante
Aniquilaste possante
A despotica oppressão.
Oh ! quantas sombras de bravos,
Que succumbiram escravos
Se não vingaram então !

Quando o mundo deu-te a palma
Do talento e do saber,
Já presentia a tua alma
Os louros que ias colher.
Do Ypiranga a memoria
Cercada de luz, de gloria,
Ha de o teu nome lembrar :
Cada sec'lo é cada louro,
Da patria no livro d'ouro
Que ha de a historia te sagrar.

Tu foste um genio sublime,
Que nos mandaram os céus,
E da vingança de um crime
Um instrumento de Deus.
Esmagaste a iniquidade ;
Fez-te irmão a liberdade
De Kossut e Bolivar.
Vendo cumprido o teu fado
Foste dormir descançado,
Aos pés da cruz repousar.

Salve, heróe ! tuas victorias
No mundo a fama pregôa ;
Não hão de murchar inglorias
As palmas d'essa corôa.
Sabio e soldado venceste ;
Soldado e sabio viveste
Aos homens mostrando a lei !
Fez-te poeta o tormento !
Foste rei pelo talento !
Nos feitos mais do que rei !

E a liberdade sentida
Eil-a triste a descorar !
Abraçada á cruz, pendida,
Anjo da morte a velar !
Augmenta-se a cada dia
As afflicções da agonia
Que o virgem peito lhe roe ;
E a donzella esmorecida
Parece estatua, sem vida
Na campa do grande heróe !

IV

A noite vai alta ; cortando o oceano
Um barco ligeiro se affasta da praia,
E um vulto elevado com ar soberano,
De muitos que dormem parece atalaia.

Quem era esse vulto ? Seus vagos scismares
Das ondas não corta-lhe o rijo stridor ;
E só e calado na furia dos mares,
Parece envolvido n'um grande torpor.

Quem era esse vulto ? Co' o olhar alongado
A margem que foge procura buscar !
Aos pés encapella-se um mar agitado !
Na fronte agitado rebrama-lhe um mar !

E o lenho fugace rasgando o oceano
As praias saudosas ao longe deixou,
E o vulto sombrio de olhar soberano
Curvando a cabeça com dor suspirou.

E' elle o proscripto! na turbida fronte
Saudades da patria lhe estão a pungir!
Em balde procuram fitar no horizonte
Seus olhos a terra que vai-se a fugir.

E' grande o proscripto! Se o sangue derrama,
Se arrasta a existencia no pranto e na dôr,
Seu sangue suffoca despotica a chamma!
Seus prantos são vozes aos pés do Senhor!

E' muito mais nobre vagar desterrado
Levando-se a honra por só galardão,
Do que sob os *grandes* curvar-se humilhado,
Do que ser cobarde, rojar-se villão!

E o peito opprimido se quebra ao proscripto
Por duras saudades da terra dos seus,
E só e calado fitando o infinito
Sómente repetem seus labios « adeus! »

...

..

v

Depois do exilio volvendo
Inda morrer aqui veio;
O lucto negro trazendo
De tanta magoa no seio.
« Oh! patria! patria adorada!
« Nas minhas glorias sonhada,
« Eis o teu filho, aqui está;
« A mim que te dei a vida,
« Oh minha patria querida,
« A sepultura me dá!..

Assim diria inclinando
Aquella fronte a pender ;
Com esta terra sonhando
Veio saudal-a e morrer.
Levante-se agora a historia,
Severa vingue a memoria
Daquelles feitos leaes !
Que importa se abandonado
O Ypiranga isolado
Mudo phantasma ali jaz ? !

Onde estás, ó liberdade,
Meiga e triste a descorar?
Deixas teus filhos, deidade,
Sem tua luz a vagar! ?
Oh ! quando talvez um dia
Transbordar esta agonia
Que o nosso peito corróe,
Toda divina a donzella
Surgirá muito mais bella
Da campa daquelle heróe !

7 de Setembro de 1861.

NOTAS

Conclue-se aqui o primeiro livro das — Estrellas errantes: — sahirá o segundo quando o auctor tiver occasião para cuidar nelle. Não é possível deixar passar sem alguns esclarecimentos os versos que ahi ficam, a menos de se tornarem obscuros muitos d'elles para a intelligencia do leitor.

NOTA A

« Ai ! não que dos pretos as almas não morrem - pag. 28.

E' crença de muitas tribus africanas. que hão de voltar depois da morte para o seu paiz e tornar a viver entre os seus. Isso tem dado lugar a não poucos suicidios de escravos. E essa louca esperanza não atenúa, ao menos de alguma sorte, os rigores da escravidão ?

NOTA B

Aspiração, pag. 33.

E' a resposta a uma delicada poesia que me dirigiu Guimarães Junior, em que avultam as mais incomiasticas expressões de louvor ao meu mingoado talento de poeta, motivo porque não a estampe logo aqui em seguida.

NOTA C

() *sem-fim* lamentoso, etc., pag. 43.

Sem-fim é um passaro assim vulgarmente chamado em rasão do seu piar monotono que pronuncia distinctamente essa phrase. No verão, quando o dia vae mais calmoso e principalmente no correr da noite, não cessa elle de repetir aquelle seu cantar tão melancolico, tão solitario, despertando n'alma um não sei quê de reminiscencia que faz a gente entristecer e até sympatisar com a tristeza !

NOTA D

Caó-póra, pag. 49.

E' uma lenda. Acreditavam os indigenas, que habitaram primitivamente S. Paulo, na existencia de um monstro, metade bicho, metade

homem, a que davam esse nome. Se uma mulher lhe cahia nas mãos (este o assumpto dos versos) gozava-a tanto que a fazia por fim morrer inanida! Aquella, porém, que o avistasse de longe, estando grávida, podia ter a certeza de o seu filho ser desgraçado por toda a vida. D'ahi o chamar-se vulgarmente cay-póra a uma pessoa infeliz. Caô-póra quer dizer habitante do matto. Ainda hoje os nossos sertanejos contam muitas *historias* d'esse monstro dando-lhe os nomes mais ou menos adulterados de *cacha-póra*, *cay-póra*, etc. Parece que é desnecessario dizer que os termos *cocar e laba*, que se acham ahi empregados, significam: o primeiro grinalda de pennas que usavam os indigenas, e o segundo o aldeamento d'elles.

NOTA E

Ligados Catharina e o fulgido Solon, pag. 71.
E' bem certo que a grande imperatriz da Russia foi uma das maiores peccadoras d'este mundo; aqui põe-se de parte os seus erros para só considerar-lhe o elevado espirito.

NOTA F

Remorsos, pag. 72.

As vezes a mais leve *falta* não nos abala profundamente a consciencia? E n'isso mesmo, na exaggeração que a gente faz do *remorso*, encarcerando a culpa, não está a prova da abundancia dos bons instinctos?...

E' o que aconteceu ao auctor n'esta composição.

NOTA G

Sorriso de amor, pag. 82

Posto em excellente musica pelo Sr. J. de Sant'Anna Gomes.
Sant'Anna Gomes, irmão de A. Carlos Gomes, é um talento fecundo e estimavel que podia acompanhar de perto o d'este, se o seu pouco amor da gloria o não tivesse afastado tanto das lides afadigosas; o que é muito para lamentar-se.

Alguns erros, principalmente de pontuação, terão escapado á correcção; o bom senso do leitor os corrigirá facilmente.

INDICE

	Anhelos.....	pagina	1
I	Quien ama no vive.....	"	5
II	Suzanna a odalisca.....	"	7
III	A volta.....	"	12
IV	Anjo do inferno ou do céu.....	"	15
V	Nunca mais.....	"	18
VI	A louca.....	"	20
VII	Hyems.....	"	24
VIII	O filhinho da lavadeira.....	"	27
IX	Um dia exaurido etc.....	"	30
X	Aspiração.....	"	33
XI	A uma noiva.....	"	38
XII	Noite de estio.....	"	42
XIII	Olhos azues.....	"	45
XIV	Quinze annos.....	"	47
XV	Caô-póra.....	"	49
XVI	Súplica.....	"	53
XVII	Dúvidas.....	"	56
XVIII	Renovare.....	"	59
XIX	Amor por dinheiro.....	"	62
XX	Sonhos.....	"	66
XXI	A' Julia d'Azevedo.....	"	69
XXII	Remorsos.....	"	72
XXIII	A meu irmão J. Quirino do Nascimento.....	"	79
XXIV	Sorriso d'amor.....	"	82
XXV	A memoria do Libertador.....	"	84
	Notas.....	"	93

OHIO
R.D. OF
COLUMBUS

of the
Library
of the
Ohio State
University

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).